

Ronald D. Laing: A política da psicopatologia

GUIOMAR GABRIEL (*)
 JOSÉ A. CARVALHO TEIXEIRA (**)

A existência é uma chama que constantemente ataca e revivifica as nossas teorias. O pensamento existencial não oferece qualquer segurança, nenhum abrigo ao sem-abrigo. Não se dirige a ninguém, salvo a vocês e a mim. Encontra a sua justificação quando, por cima do abismo das nossas linguagens, dos nossos erros, dos nossos devaneios e das nossas perversidades, fazemos, na comunicação com outrem, a experiência de uma relação estabelecida, perdida, destruída ou reencontrada. Esperamos partilhar a experiência de uma relação, mas o único ponto de partida honesto (e talvez o único fim) é talvez partilhar a experiência da ausência de relação.

(Ronald D. Laing, 1972)

1. INTRODUÇÃO

É objectivo deste artigo apresentar de forma compreensiva alguns dos principais conceitos de Ronald D. Laing (1927-1989) acerca da psicopatologia e da psicose. Laing foi um psiquiatra e psicanalista escocês, preocupado desde cedo com o tratamento a disponibilizar às pessoas diagnosticadas como psicóticas:

face a uma pessoa “o seu tratamento é a forma como eu a trato” (Laing, 1987). Este foi, antes de mais, o primeiro grande contributo de Laing: o paciente tem de ser tratado como uma pessoa.

Laing, através duma perspectiva fenomenológica e existencial tentou tornar o processo de enlouquecimento inteligível. Este objectivo acompanhou-o ao longo de toda a sua obra. Fez uma crítica clara aos pontos de vista comportamental e psicanalítico da época no que se referia à psicose, embora vários aspectos da sua obra tenham sido influenciados pela psicanálise. Laing tentou estabelecer uma alternativa na forma de conceptualizar a loucura. Essa alternativa foi essencialmente influenciada por concepções provenientes do existencialismo de Sartre, nomeadamente na forma como se empenhou em demonstrar que a psicose teria um significado existencial, isto é, representaria ainda uma tentativa última do sujeito construir um significado para a sua existência.

Laing pode considerar-se um pensador típico das décadas de 1960 e início da de 1970 do século XX, uma época de grandes tensões e de rupturas com o estabelecido. Sabendo colocar as suas ideias confrontativas e politizadas de forma eloquente e viva, se bem que resistisse sempre a ser enquadrado em qualquer ideologia política, Laing tornou-se o psiquiatra *fetiche* daquela época. Produziu um discurso inovador sobre a psicose, que teve grande ressonância em muitos círculos intelectuais da época e que, em vários aspectos, volta de novo a fazer sentido numa altura na qual a tendência que domina a psiquiatria faz dos psiquiatras “repara-

(*) Mestranda em *Relação de Ajuda – Perspectivas da Psicoterapia Existencial*, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.

(**) Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal. Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial, Lisboa.

dores” de cérebros, que está bem patente na deriva actual da psiquiatria biológica. Não que Laing tenha rejeitado liminarmente a influência de factores biológicos na esquizofrenia, uma vez que lhes conferia estatuto de factores predisponentes (Cooper, 2003). Mas em toda a sua obra perseguiu uma finalidade principal: procurar um sentido para a loucura, contextualizando socialmente o fenómeno da psicose. A seu ver, mesmo os comportamentos mais estranhos e bizarros seriam inteligíveis, do ponto de vista do próprio sujeito que está perturbado. Para compreender isso é preciso dar voz aos pacientes, regressando à experiência vivida pelos sujeitos, mas contextualizando-a na existência.

Autor de inúmeros livros, artigos e palestras, Laing atingiu uma enorme notoriedade que hoje em grande parte se desvaneceu. É com a finalidade de retomar alguns dos seus conceitos, trazê-los novamente à luz e à possibilidade de reflexão e debate e apresentá-los a quem não teve ainda oportunidade de conhecer este autor, que apresentamos este artigo.

1.1. *Perspectiva sobre a psicopatologia clássica*

A sua perspectiva sobre a psicopatologia representou, simultaneamente, uma crítica radical às práticas psiquiátricas mais clássicas. Ao contrário do que se pensa frequentemente, não foi Laing mas sim David Cooper quem introduziu o termo “anti-psiquiatria”. Apesar disto, Laing foi um crítico radical do poder psiquiátrico e das práticas do electrochoque e das lobotomias, bem como de todas as formas de tratamento que não correspondessem aos desejos dos pacientes.

Para Laing toda a psicopatologia clássica possuiria premissas que distorcem a pessoa. Em primeiro lugar, pressupõe uma psique e um modelo de funcionamento na saúde e um modelo de funcionamento na doença, o que implica um dualismo que Laing recusou (Laing, 1990). Considerou que ao utilizarmos a linguagem psiquiátrica estamos a utilizar uma linguagem fabricada com o objectivo último de circunscrever e conseguir isolar o paciente numa determinada entidade nosológica. Laing lamentou que tal linguagem colocasse os seus pacientes distantes de si. Tornar uma pessoa num objecto era para Laing tão patético como personalizar os objectos (Laing, 1990). Pretendeu muito claramente destacar um conceito profundamente enraizado na perspectiva fenomenológico-existencial: o Homem

como ser diferente dos objectos do seu mundo, trazendo-nos reminiscências sartrianas do Homem como ser-para-si, diferindo por essência do ser-em-si (Sartre, 1997). Sendo assim, não faria sentido pensar-nos, investigar-nos e tratar-nos como se “em-si” fossemos, com instrumentos de medida. Em suma, defendeu a importância crucial de compreender o indivíduo perturbado como uma pessoa e não como uma categoria nosológica.

Recusou o olhar diagnóstico. A sua proposta foi a do olhar existencial, no qual o paciente é uma pessoa, um ser no seu-mundo, no qual tenta construir significado para a sua vida (Parker e col., 1995).

Em segundo lugar, Laing criticou também o pressuposto comum sobre o encontro terapêutico em que um é “doente” e o outro “são” e em que o indivíduo “são” não influi no comportamento e experiência do indivíduo “doente”. Para Laing seria possível considerar o comportamento de qualquer pessoa como um conjunto de sinais de doença ou como expressão da sua existência. E ver apenas os sinais de doença em nome da objectividade científica não seria ver de forma neutra. Seria ver com pressupostos, escolhendo o que se vê e também o que não se vê. Laing discordou radicalmente da posição da psiquiatria tradicional de que “assim é que se vê”: “*É possível ter um conhecimento aprofundado do que foi descoberto sobre hereditariedade e incidência familiar [...] saber de facto, quase tudo o que há a saber sobre a psicopatologia da esquizofrenia ou sobre a esquizofrenia como doença sem se conseguir compreender um único esquizofrénico. Esses dados são todos formas de não o compreender*” (Laing, 1990).

Sobre a esquizofrenia como facto, Laing assumiu, mais uma vez, uma perspectiva crítica e claramente enunciada como se segue: “*No nosso ponto de vista é um pressuposto, uma teoria, uma hipótese, mas não um facto que alguém sofra de esquizofrenia [...] Não aceitamos a ‘esquizofrenia’ como facto bioquímico, neurofisiológico, psicológico, e consideramos um erro palpável, no estado presente de provas, tomá-la como facto. Nem assumimos a sua existência. Nem a adoptamos como hipótese. Não propomos qualquer modelo para ela*” (Laing & Esterson, 1970).

1.2. *Proposta para uma nova psicopatologia*

Para Laing a psicopatologia seria muito mais uma questão de um vivido que não é compreen-

sível para os outros com quem o indivíduo estabelece as suas relações interpessoais. E não seria compreensível porque essa experiência de ser e do mundo que o indivíduo tido como portador de uma qualquer patologia nos traz, rompe com o que é permitido experienciar-se, com o que é dizível dentro do grupo social: ele diz o que não se pode dizer e faz o que não se pode fazer. Laing perspectivou a psicopatologia como o que escapa à compreensão: “[...] por compreensão não estou a falar de um processo intelectual puro. [...] Ninguém consegue amar um conglomerado de sinais de esquizofrenia. Ninguém tem esquizofrenia, como ter uma constipação. O paciente não ‘apanhou’ uma esquizofrenia. Ele é esquizofrénico. O esquizofrénico tem de ser conhecido sem ser destruído.” (Laing, 1990).

Laing advogou a observação e descrição dos fenómenos para uma compreensão posterior, uma inteligibilidade social dos sintomas ditos psicóticos apresentados por alguém (Laing & Esterson, 1970; Sedwick, 1972). Do seu ponto de vista, seria de utilizar um critério ontológico, em vez do tradicional critério clínico. Laing utilizou uma metáfora com uma formação de aviões. Um sai de formação: terá sido ele que seguiu um percurso errado, ou será que foram os outros? O critério “afastamento da formação” seria o critério clínico. O critério “afastamento do percurso” é o critério ontológico (Laing, 1972). Laing optou pelo segundo.

2. PERSPECTIVA DE LAING SOBRE A PSICOSE

Laing foi um autor que se preocupou, ao longo da sua vida, fundamentalmente com a questão da psicose. Em *“The Divided Self”* (1960), a sua primeira obra, o psicótico ainda era alguém visto como louco. Laing irá transmutar este conceito para o louco como o são na sociedade louca (*“The Politics of Experience”*) para mais tarde em *“The Facts of Life”* incluir as experiências pré-natais e peri-natais como importantes factores no desenvolvimento da psicose. Daremos conta seguidamente da evolução de posições por parte de Laing, através das suas obras mais conhecidas.

2.1. A psicose como alienação do indivíduo ontologicamente inseguro

Esta fase corresponde grosso modo ao período

envolvente à publicação de *“The Divided Self”* em 1960, obra na qual se empenhou em mostrar a compreensibilidade da psicose. Aí pode ler-se, a respeito da nossa resposta ao indivíduo psicótico: *“O que é que nos é pedido? Compreendê-lo? A charneira da experiência que o esquizofrénico tem de si tem de se manter incompreensível para nós. Enquanto nós formos sãos e ele louco, assim será. Mas a compreensão como esforço de alcançar e entendê-lo, enquanto nos mantemos dentro do nosso mundo e julgá-lo através das nossas categorias das quais ele inevitavelmente fica aquém, não é o que ele quer nem o que requer. Temos de reconhecer em todos os momentos a sua distintividade e diferença, a sua separação e solidão e desespero”* (Laing, 1990).

A tese de Laing nesta fase era que os pacientes psicóticos têm medo de uma auto-revelação autêntica, devido ao que chamou *insegurança ontológica*. A insegurança ontológica seria uma experiência de irrealidade, de não se estar vivo, e conduziria a uma preocupação central com a auto-preservação, ao invés de com a auto-gratificação. Seguidamente sistematizamos as posições ontologicamente seguras e inseguras, tal como Laing as concebeu (Quadro 1).

A pessoa ontologicamente insegura tem uma percepção fragmentada do seu *self* e questiona-se a três níveis: sobre a sua existência, sobre a sua essência e sobre a sua identidade. Com estas inseguranças, as relações interpessoais e intrapessoais podem ser interpretadas como ameaçadoras e tendem a ser evitadas com uma finalidade de auto-preservação.

2.1.1. Sistema de falso *self*

A pessoa ontologicamente insegura vai gradualmente distanciando o seu ser-para-outrem do seu ser-para-si. O primeiro, designado por falso *self*, situa-se gradualmente cada vez mais no corpo, observável, e o verdadeiro *self*, na mente, invisível. Este processo tenderia a perpetuar-se e a aumentar a distância de si-para-si e para-os-outros, tendo como limite a esquizoidia.

O indivíduo ontologicamente inseguro sente-se divorciado do próprio corpo. Isto significa que, como forma de se proteger das eventuais ameaças externas, divide-se num *self* experienciado como verdadeiro e colocado numa “cidadela” central onde só há o que é mental, o subjectivo, cindido do corpo.

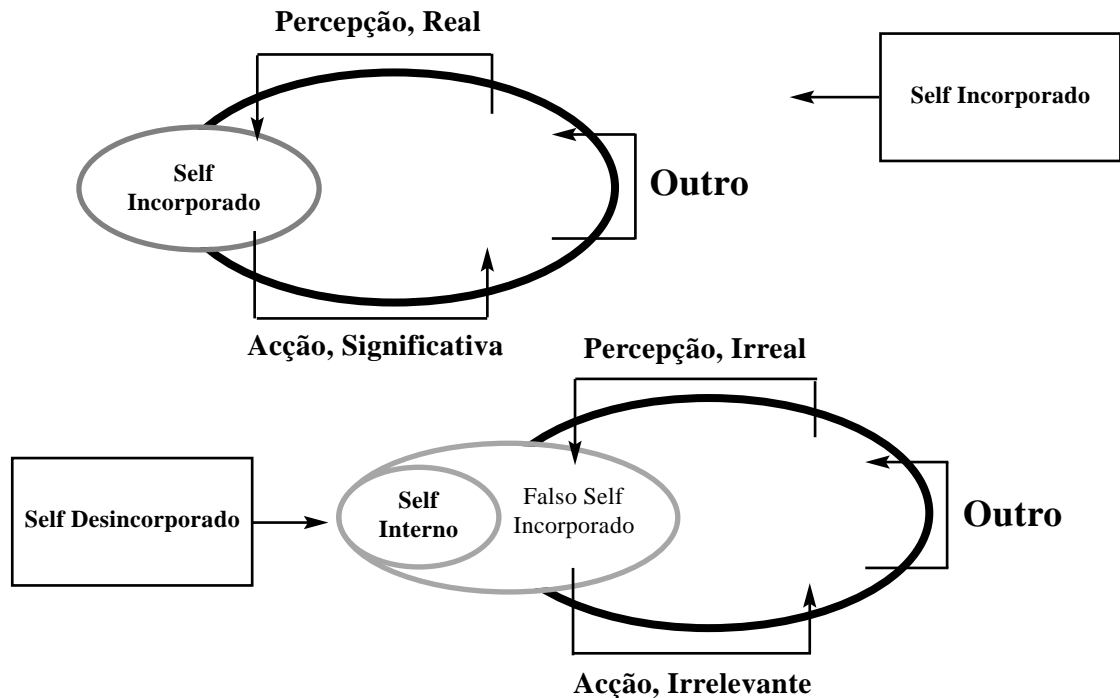
Identificado com o corpo estaria o *self* falso que procura de alguma forma corresponder às expecta-

QUADRO 1

SEGURANÇA ONTOLÓGICA	INSEGURANÇA ONTOLÓGICA
Real	Absorvido em maneiras de tentar ser real
Vivo	Manter-se a si e aos outros vivos
Objectivo: Gratificação	Objectivo: Preservação
Todo	Esforçando-se por impedir-se a si próprio de se perder a si próprio
Claramente diferenciado do resto do mundo	Esforço de preservação da sua identidade
Em circunstâncias normais mantém e nunca questiona a sua identidade e a sua autonomia	As circunstâncias normais de vida parecem ameaçar o seu baixo limiar de segurança e constituem uma ameaça contínua e letal
Acontecimentos triviais	Acontecimentos profundamente significativos pois têm o potencial de contribuir para assegurar o ser do indivíduo ou então ameaçá-lo com o não-ser
Contínuo no tempo	Descontínuo no tempo
Intrinsecamente consistente	Experiencia-se dividido, sem consistência
Substancialidade	<i>Self</i> interior insubstancial e um <i>self</i> exterior ligado ao corpo mas que já não está apropriado, sentido como seu
Genuinidade	Dividido em verdadeiro <i>self</i> (só por ele conhecido) e falso <i>self</i> (responsivo às expectativas percebidas que os outros significativos têm sobre si)
Valor	Oscila entre ter de guardar o seu valor do escrutínio alheio para o manter, e a sensação de total ausência de valor
Espacialmente co-extensivo com o seu corpo	Espacialmente “lá” e com um corpo desincorporado de si “cá”
Normalmente como tendo começado no seu nascimento (ou à volta disso). Passível de se extinguir na sua morte.	Imortal, sem tempo
Vive num mundo partilhado	Hierarquiza os elementos do mundo de forma diferente e por isso dizemos que “vive num mundo só seu”
Em contacto com a realidade que é aceite e vista como aceitante	Não é verdade que esteja a perder contacto com a realidade. Os elementos externos continuam a afectá-lo mas diferentemente. Não menos. Muitas vezes mais. Pode acontecer que o mundo da sua experiência se torne num mundo que já não possa ser partilhado com as outras pessoas.

FIGURA 1

Representação esquemática do processo do indivíduo ontologicamente seguro e ontologicamente inseguro (Laing, 1990)



tivas que os outros têm sobre si, uma espécie de “casca de si” desligada de si que este indivíduo põe à disposição do mundo para agir e ser agido pelo mundo. Não sendo vivido como ele próprio, esta casca é como um holograma de si, um isco que poderia ser comido sem que a pessoa fosse destruída. O sujeito dividir-se-ia então em *self* incorporado, falso e externo e em *self* desincorporado, interior e verdadeiro (Laing, 1990).

Como resultados desta aquiescência aos desígnios de outrém pelo sistema de falso *self* temos, por um lado, um aumento na intensidade do medo de agir de acordo consigo mesmo e, por outro, um ódio que se instalaria, uma vez que a pessoa se sente cada vez mais em perigo de invasão por alguém. A ansiedade impediria a revelação do ódio de forma directa, excepto na psicose. A psicose resultaria então da retirada abrupta do véu que antes cobria o falso *self* (Laing, 1990).

Também em “*The Divided Self*”, Laing intro-

duziu uma tipologia para as ansiedades vividas pelas pessoas ditas esquizofrénicas: *engulfment*, implosão e petrificação. Passamos agora a descrever as três modalidades de ansiedade presentes na insegurança ontológica.

2.1.2. *Engulfment*

Por *engulfment* Laing referiu-se a uma angústia cujo conteúdo é a perda do seu ser por absorção por parte de outros, de perda da identidade. O risco de estar em relação. Há uma sensação de risco de ser destruído ou tragado pelo amor. O amor de outrém seria mais temido que odiado, ou melhor, todo o amor seria experimentado como uma versão do ódio, uma vez que o amor capacita o outro de ter poder sobre o próprio, de o envolver e de torná-lo seu conteúdo, retirando-lhe o ser.

Uma manobra descrita por Laing de preservação da identidade nos indivíduos que se sentem sob

risco de *engulfment* seria o isolamento. Dessa forma impediriam os outros de o entenderem correctamente. Ser entendido correctamente seria como que ser engolido, afogado ou comido.

2.1.3. Implosão

Para Laing, o indivíduo que receia a implosão sente-se como vácuo. Ele é ou está vazio. Mas este vazio é ele mesmo. Deseja preencher o vazio, mas teme a possibilidade de tal acontecer uma vez que sente que tudo o que pode ser é este vazio. O vazio que teme é a sua própria substância. A sua identidade estabelece-se como vazio. Daqui decorreria que qualquer contacto com a realidade seria de temer, uma vez que a realidade seria implosiva, poderia destruí-lo. A realidade funcionaria como um gás que tomaria e ocuparia todo o espaço vazio da pessoa, destruindo-a como se conhecesse até então. A realidade seria, em si mesma, uma ameaça à identidade que o indivíduo pensa ter.

2.1.4. Petrificação/despersonalização

Por petrificação/despersonalização Laing referiu o medo de ser transformado em pedra, ou de ser tornado coisa, do fim da subjectividade. Seria experimentado quando a pessoa se sente como que tomada pelo outro e tratada como se fosse uma coisa, negada a sua autonomia, ignorados os seus sentimentos, assassinada a vida dentro de si.

Por vezes, este medo de ser incluído, implodido ou petrificado/ despersonalizado levaria a que o sujeito, de forma a prevenir a sua realização, os procure e os viva. Isto passa-se através de, por exemplo: abandonar a própria autonomia como forma de preservar secretamente; fingir-se morto como forma de preservar o experienciar-se vivo; tornar-se pedra de forma a que mais ninguém o possa fazer.

Os comportamentos esquizofrénicos não seriam sintomas de doença mental, mas sim estratégias protectoras contra a insegurança ontológica. Representariam uma tentativa de lutar contra a sua existência ameaçada.

2.1.5. Desenvolvimento “good-bad-mad”

Nesta fase, Laing traçou uma teoria sobre o desenvolvimento psicótico, denominada desenvolvimento *good-bad-mad*: “(1) Era uma criança Boa, normal, saudável; até que gradualmente se

tornou (2) Má, a fazer e dizer coisas que causaram grande perturbação que foram atribuídas a maldade até que (3) isto ultrapassou todos os limites toleráveis de forma que ela só pode ser Louca.” (Laing, 1990).

Laing chamou a atenção para a importância da percepção interpessoal familiar nos desenvolvimentos psicóticos. Assim, numa primeira fase, a criança agiria em conformidade com as regras dos pais, sendo vista como uma boa criança. Depois, a criança começaria a fazer precisamente o que os seus pais consideram criticável ou maligno. Uma vez que tal forma de ver o filho é demasiado insuportável para os pais, estes necessitariam e criariam uma nova conceptualização para dar algum sentido ao que está a acontecer. Tudo se explica melhor se o filho for louco. Laing referiu o sentimento de alívio dos pais por chegarem à conclusão que os seus filhos “são doentes” e não “maus”. Para Laing, é digna de realce a forma como alguns factos na vida dos seus pacientes são desvalorizados na narrativa familiar, enquanto outros são valorizados.

2.2. Fase de transição (1961-1966)

No período de 1961 a 1966, as ideias Laing começaram a ganhar novos contornos, plenamente desenvolvidos com a publicação de “*The Politics of Experience and the Bird fo Paradise*” em 1967, que fez uma ruptura com a visão veiculada em “*The Divided Self*”. Laing publicou em 1961 o volume “*Self and Others*”, onde focaliza as relações interpessoais e os padrões de comunicação com os outros que podem estar na base da confusão e sofrimento inerentes à experiência esquizóide e psicótica, descrita em “*The Divided Self*”.

Estamos aqui com um outro contributo essencial da obra de Laing: o da tentativa de *contextualização social da psicose*. Esta, deixa de ser representada como um acontecimento intra-psíquico, com carácter privado e individual para ser considerada como uma estratégia que o indivíduo desenvolve para conseguir sobreviver em situações sociais específicas (Laing, 1967). A ideia de base é a de que as experiências e comportamentos do indivíduo que desenvolve uma psicose não poderiam ser compreendidos sem a compreensão das experiências e comportamentos das pessoas que com ele se relacionam.

Laing fez evoluir a sua compreensão da norma-

lidade, da segurança ontológica para uma imersão mais ou menos voluntária em “sistemas sociais de fantasia”, ou seja, um conjunto de pressupostos profundamente enraizados no grupo social a que a pessoa pertence, não partilhados com elementos de outros grupos e podendo ou não ser consonantes com os factos. Tal significa que, nesta fase de transição, Laing forneceu uma visão da normalidade descritiva e dependente do contexto e já não prescritiva como em *“The Divided Self”*. Começa a sentir-se em *“Self and Others”* um tom crítico em relação a esta normalidade no sentido em que, para Laing, ela impediria os elementos normais de um dado grupo poderem pensar outros pensamentos e sentir outros sentimentos, em suma, experienciarem em liberdade algo que fosse diferente dos *dictum* do seu grupo. Então, tais sistemas sociais de fantasia teriam mais relação com média, congruência e expectativas sociais do que com saúde mental (Dore, 2005). Foi assim que chegou à ideia de que a família não só negaria a legitimidade das experiências individuais como negaria a própria negação.

Com esta mudança de perspectiva sobre a normalidade, vem uma correspondente alteração na visão de Laing da psicopatologia: já não se trataria apenas de uma forma do sujeito viver uma situação insustentável mas, mais que isso, *uma forma de significar as regras não ditas que regeriam todos os elementos do seu grupo de pertença*. Teríamos então uma espécie de *fou savaint* que diz o que mais ninguém se atreve a dizer no seu mundo social. A fantasia e sua correspondente expressão nos delírios e nas alucinações seriam expressão não já de um mundo privado construído para sobrevivência do próprio mas, para além disso, uma modalidade de experiência em que se faz ouvir o que existe de regras e padrões cuja expressão é rejeitada pelo grupo. O facto do grupo temer o conteúdo lúcido, inteligível e, sobretudo, confrontativo do que têm de delirante e não coerente nas regras do próprio grupo de pertença social faria com que se desse a tão natural rejeição do sujeito psicótico e negação ou minimização do que ele diz e, finalmente, a sua designação e enclausuramento no rótulo de “louco”. Também nesta obra, começou a explanação das chamadas “defesas interpessoais”, com largas semelhanças com os mecanismos de defesa psicanalíticos.

Durante esta fase, Laing levou a cabo estudos de fenomenologia social em famílias de esquizo-

frénicos, precisamente para poder dar conta da forma como se vê e experiencia, o elemento diagnosticado da família.

“Sanity, Madness and the Family”, publicado em 1964, resultou de um projecto de investigação patrocinado pela Tavistock Clinic, nomeadamente na figura do seu director, na altura, John Bowlby (que curiosamente terá dito a Daniel Burston, um dos biógrafos de Laing, que este volume seria o mais importante livro sobre famílias, do século XX (Burston, 2000). Foram envolvidas no estudo cem famílias com um membro diagnosticado como esquizofrénico. Destas foram seleccionadas vinte e cinco famílias tendo sido publicados resumos e citações das entrevistas realizadas a onze delas por questões de redundância (Laing & Esterson, 1970). Uma leitura vulgar deste estudo é que o objectivo dos autores seria culpar as famílias pela causa e desenvolvimento da esquizofrenia. Não se trata disso, esclarecem-nos logo no capítulo de introdução: “Serão a experiência e comportamento, que os psiquiatras tomam como sintomas de esquizofrenia, mais inteligíveis socialmente do que se tem suposto?” (Laing & Esterson, 1970) ou seja, será que o que vemos e descrevemos como experiência esquizofrénica pode ser mais inteligível, mais compreensível do que aprioristicamente pensamos? E também, será que, se olharmos com atenção e descrevermos o tipo de interacções, processo e *praxis* correntes no seio destas famílias será possível compreender um significado coerente naquilo que a pessoa diagnosticada experimenta? A isto chamaram “inteligibilidade social”, ou seja uma expressão que não sendo racional, é significativa *em contexto*. Laing e Esterson afirmam que utilizaram como método a fenomenologia social, uma redução fenomenológica que tenta descrever claramente os pensamentos, sentimentos e experiências tal como surgem aos vários membros das famílias, sós e nas suas várias constelações (díades, tríades diversas, família total).

Laing realizou, durante um período de dois anos, encontros bisemanais com Herbert Phillipson e Robert Lee. O objectivo do grupo de trabalho foi o de aplicar uma notação algébrica ao mapeamento das perspectivas interpessoais, tal como sugerido por Buber, neste caso, ao campo do aconselhamento conjugal. O resultado das reflexões desenvolvidas pelos três autores foi publicada em 1966 sob o título *“Interpersonal Perception: a Theory and a Method of Research”*. A experiência de conver-

gência ou divergência de perspectivas entre pessoas é muito aprofundada nesta fase (Laing, Phillipson, & Lee, 1966). Laing utilizará esta abordagem na sua fase posterior, nomeadamente em “*A Política da Família e outros Ensaio*” (1969).

2.3. *Psicose como forma de suportar uma situação insustentável e como experiência transcendental*

Em 1967 Laing publicou “*The Politics of Experience and the Bird of Paradise*” com enorme sucesso comercial (seis milhões de cópias vendidas nos EUA). Num tom anti-imperialista, místico e político, Laing assumiu posições radicais e controversas. Surgiu a ideia de psicose como *viagem interior* de redenção, de transformação do próprio e da sociedade a que o sistema (psiquiátrico) impediria o retorno. O conceito de mistificação de Marx foi adaptado à educação, para dar conta da forma como na perspectiva de Laing, somos hipnotizados e manipulados de forma a não podermos transcender-nos. Quem ousa ou sem se dar conta, incorre, nesta viagem é punido por transgredir um conjunto de regras que permitem a manutenção do estado de coisas. Esse conjunto inclui regras de esquecimento de que existem regras.

Laing reclamou uma fenomenologia da experiência sem rupturas, sem despersonalização, sem tentativas de explicar o todo pelas partes. Foi nesta fase que Laing declarou que, mais que saber como ou o que é uma relação interpessoal, questões optimistas, temos de colocar a questão da possibilidade do Homem: “*Poderão os seres humanos de hoje ser pessoas?*” (Laing, 1972). Alerta para o cada vez maior divórcio do Homem consigo mesmo, com a sua experiência e, particularmente, com a experiência da transcendência.

Em “*The Politics of Experience*”, passamos para a ideia da *psicose como forma de suportar uma situação insustentável*. Este conceito de posição insustentável tem um estatuto semelhante ao conceito de perturbação geradora, proposto pelas correntes da fenomenologia genético-estrutural de Minkowski: seria aquilo que daria conta do défice da experiência vivida e que permitiria compreender as experiências e os comportamentos psicóticos. Contudo, é um conceito já com características existenciais. Referindo-se às suas investigações, declarou: “*Verificámos sem uma única excepção que a experiência e o comportamento qualificados de ‘esquizofrénicos’ respre-*

sentavam uma estratégia particular que uma pessoa inventava para suportar uma situação insustentável” (Laing, 1972).

Havendo um mundo exterior e um interior, cada um de nós conheceria melhor o mundo exterior. O normal seria estar num espaço e tempos exteriores. Os que mergulham no mundo interior, num espaço e num tempo interiores, são considerados como em processo psicopatológico. Haveria como que uma travessia do espelho que gera sensação de perda, susto, solidão. Quem a fez sente-se arrastada ou embarca numa viagem. Tal viagem é desconhecida da maioria e é raro quem, na sociedade actual, a tenha empreendido e regressado a um tempo e espaço externos uma vez que através de procedimentos terapêuticos foi bloqueada naquele movimento de ida e volta (Laing, 1972). Os nossos tempos caracterizar-se-iam pelo controlo e mestria do mundo externo e pelo quase total esquecimento do mundo interno. A sanidade assentaria, quase por completo, na capacidade de adaptação ao mundo externo, mas para Laing a sociedade estaria sedenta do interno. A loucura que encontramos nos pacientes seria uma caricatura grotesca da cura natural que nos permitiria dissolver o nosso Eu normal e adaptado à nossa sociedade louca e fazer surgir um novo tipo de funcionamento em que o Eu poderia servir o divino e não mais trair o divino (Laing, 1972).

Para Laing, a adaptação social a uma sociedade desequilibrada poderia constituir uma ameaça maior para a sobrevivência da espécie do que um esquizofrénico internado. Laing admitiu mesmo a hipótese de que a esquizofrenia pode ter uma função socio-biológica que ignoramos: “[...] *creio que, no que toca ao mundo interno, os esquizofrénicos têm mais a ensinar aos psiquiatras que o contrário [...] o psiquiatra moderno assume por vezes o papel do cego que guia um semi-cego*” (Laing, 1972).

Laing apostava em poderem ser atribuídos guias, na prática: “*antigos doentes a ajudarem futuros doentes a tornarem-se loucos. [...] Talvez todos nós [...] tenhamos necessidade de nos submeter a este processo, que, numa sociedade verdadeiramente sã, teria um papel capital a desempenhar.*” (Laing, 1972).

No seu artigo de 1964, intitulado “*Transcendental Experience*”, Laing procurou relacionar as experiências transcendentais que por vezes ocorrem na psicose com as experiências do divino que seriam, segundo o autor, a fonte viva de toda a religião. É deste artigo a famosa citação “*Madness*

need not be all breakdown. It is also breakthrough. It is potential liberation and renewal, as well as enslavement and existential death.” (Laing, 1964).

Laing pretendeu apoiar a hipótese jungiana de *metanóia*. Porém, distanciou-se de Jung (e de Freud) ao declarar que, o que Jung considerava ser um excesso de consciência da actividade inconsciente por parte do psicótico, não seria senão aquilo que, na nossa estranheza historicamente condicionada, estaríamos irreflectidamente conscientes. A aplicação do conceito de *metanóia* à psicose implicaria para Laing que a psicose seria uma *viagem interior de des-construção* na qual o indivíduo se despiria de falsas identidades e dos papéis internalizados no processo de socialização. Permitiria um *renascimento existencial*, como ser humano mais autêntico e integrado. Mary Barnes, uma das pessoas diagnosticadas como doente mental que residiu em Kingsley Hall, acabando por escrever uma série de textos sobre a sua experiência, diz-nos sobre o que viveu no seu processo de “*metanóia*”: “*A pessoa deve ser vista e entendida como o bebé que é de facto – e permitir-se-lhe que viva desse modo, e o ultrapasse. [...] A loucura é purificação. Atravessá-la necessita de guia [...]*” (Barnes, 1972).

Laing publicou “*The Politics of the Family*” em 1969, onde retomou os temas dos processos grupais de mistificação, da inteligibilidade dos sinais e sintomas da esquizofrenia e o sacrifício da experiência pessoal em prol da conformidade social. Nesta obra reforçou a importância de compreender o indivíduo perturbado no seu contexto social próprio.

De acordo com o autor, haveria um processo de passagem intergeracional de papéis a representar no seio da família. As pessoas nascem e morrem representando o papel que lhes foi destinado, novas pessoas nascem e tomam o seu lugar na peça que se desenrola. Há internalização de regras e regras sobre regras que regem a experiência e as relações.

Laing teorizou a existência de operações sobre a experiência, que incluiriam tanto os psicanaliticamente denominados “*mecanismos de defesa*” como “*defesas interpessoais*” (terminologia do autor). Quanto aos mecanismos de defesa, eles são vistos como operações do próprio sobre o próprio, de forma a alterar a textura ou o conteúdo da experiência, ou da sua experiência dos outros. Cada um seria, portanto, cúmplice da sua alienação.

2.4. *Psicose como resultante de experiências pré-natais e peri-natais*

A terceira e última fase do pensamento psicopatológico de Laing foi muito influenciada pela colaboração com a psicoterapeuta norte-americana Elizabeth Fehr. Laing publicou em 1976 a obra “*Facts of Life*”, onde deu a conhecer as suas ideias sobre a experiência pré-nascimento como experiência fundamental no desenrolar da existência humana. Para além disto, redigiu algumas notas biográficas e criticou investigadores e psiquiatras como Masters, William James ou Cerletti (o criador da electroconvulsoterapia). O estilo é desarticulado mas vivo. Laing tornou a salientar a importância de se poder levar a cabo experiência do transcendente e a existência de operações intra e interpessoais que nos conduziriam e limitariam a comunicação e relação com os outros, e abandonou o acento tónico sobre a psicose. Talvez seja a fase em que Laing levou as suas ideias às últimas consequências, correspondendo também à fase de declínio da sua notoriedade: “*Este livro não tem pretensões de ser um guia para as pessoas confusas. Eu próprio sinto-me confuso. Mas fiz o máximo que podia para perceber a natureza da minha perplexidade.*” (Laing, 1981).

3. PERSPECTIVAS CRÍTICAS SOBRE A OBRA DE LAING

As ideias de Laing influenciaram e influenciam a denominada corrente actual da “*psiquiatria crítica*” (Ingleby, Double e outros) e, também, o desenvolvimento da psicoterapia existencial, em particular da anglo-saxónica (Cooper, 2003).

Scott Bortle, em “*R. D. Laing as a negative thinker*” (Bortle, 2001) abordou o facto de Laing não ter deixado uma obra coesa, de pensamento estruturado e sistematizado. Muitos outros dão conta da mesma frustração. Laing levará a cabo, mais tarde, estudos de fenomenologia social em famílias de esquizofrénicas precisamente para poder dar conta desta forma como se vê, experiência, o elemento diagnosticado da família (Berke, 2001; Burston, 1995; Deurzen-Smith, 1997; Jenner, 2001; Koch, 1973; Sedwick, 1972).

Thomas Szasz foi crítico acérrimo de Laing, baseando a sua opinião no que lhe parece uma incoerência entre o que Laing advogava e as suas

acções: “*se a esquizofrenia não é uma doença, então não há nada a tratar*” (Szasz, 2005). Szasz cita vários parágrafos soltos na obra de Laing em que este se coloca numa posição de certificar quem é e quem não é louco, o que para Szasz corresponderia a um erro, uma vez que a sua posição (ética) é anti-psiquiatria, anti-diagnóstico de loucura, anti-institucionalização e, sobretudo, contra a retirada de direitos cívicos a que os psicóticos são frequentemente sujeitos. Para Szasz, Laing teria jogado ao mesmo tempo nas duas equipas e foi apanhado na sua própria vaidade: tornar-se conceituado como psiquiatra e, sobretudo, famoso (Szasz, 2005). Szasz criticou igualmente Laing por não ter assumido uma postura mais interventiva e ainda mais radical.

Burston, sendo biógrafo de Laing, encontra-se numa posição vantajosa, quer para desfazer alguns equívocos de Szasz, quer para responder a críticas suas que assentam em acontecimentos/opções da vida privada de Laing. A tese de Szasz é que Laing terá vivido de forma pouco consonante com aquilo que escrevia. Para Burston, Szasz é um libertário e Laing um existencialista. Por conseguinte, não fará sentido supôr que iriam ambos assumir a mesma postura (Burston, 2004).

Emmy van Deurzen conviveu de perto com Laing. Emigrou para a Grã Bretanha com o objectivo de participar no projecto da Philadelphia Association, numa das suas casas. Desencantou-se com o projecto, dizendo-o ineficaz uma vez que as pessoas nele envolvidas se viam num ciclo vicioso de ansiedade e desespero. Critica Laing a nível teórico, acusando-o de ter confundido o nível ontológico (no seu conceito de insegurança ontológica) com o ôntico. Reflectindo sobre a boa aceitação da sua obra pelo público, como revelando que no fundo, Laing, ao descrever o que pensou ser a experiência psicótica, estava a descrever um facto básico da existência humana (por exemplo, nas três ansiedades do indivíduo ontologicamente inseguro); refere igualmente que o facto de ter sido treinado como psicanalista nunca lhe terá permitido desenvolver uma perspectiva plenamente existencialista (Deurzen-Smith, 1997). Do ponto de vista desta autora, o conceito de insegurança ontológica de Laing seria equivalente ao de angústia existencial e, portanto, não seria um problema a ultrapassar mas sim a confrontar de forma construtiva, como um dado da existência.

Laing nunca se preocupou em deixar o seu testemunho como psicoterapeuta. Há alguns registos

audiovisuais do seu trabalho e um ou dois artigos em que refere a sua prática como terapeuta. Estes apontamentos soltos ficam aquém das expectativas de quem gostaria de aceder a uma visão mais sistematizada. A sua volatilidade e o facto de ter como objectivo mais a descrição da *praxis*, da intersubjectividade, da política de existirmos não é, muito provavelmente, alheia a este não ter partilhado o como se faz, e na opinião de alguns, por exemplo Deurzen-Smith, não ter sabido dar consistência prática à sua teoria. Ter contribuído para poucas “curas” de esquizofrénicos e não ter atingido mais do que o comum e limitado sucesso na ajuda aos seus pacientes viverem melhor com os seus problemas, é outra das críticas que são feitas a Laing. Há, ainda, vozes críticas dizendo que nunca conseguiu desligar-se da sua formação psicanalítica. Laing seria apenas um psicanalista das relações de objecto que se interessou por fenomenologia. A nível político, Laing foi criticado pela direita, mas sobretudo pela esquerda que se sentiu traída ao notar que Laing não abraçara o ideal marxista até às últimas consequências (Bortle, 2001).

Outra crítica comum é a de não ter desenvolvido uma estratégia política e social – como fez Basaglia quando advogou a devolução à sociedade do que é um problema da sociedade – (Basaglia, 1985 cit. in Jenner, 2001). Terá inclusivamente usado a sua influência para bloquear a tradução da obra do seu colega italiano para a língua inglesa (Jenner, 2001). Tinha sido a oportunidade para dar à sua obra um cunho político comprometido.

Stephen Koch, um jornalista americano, que contactou algumas vezes Laing nos anos 1970, criticou a sua posição em “*The Politics of Experience and the Bird of Paradise*”. Na sua opinião, Laing ao colocar-se como tendo visto o pássaro do paraíso (para o que o consumo frequente de LSD não deve ter sido alheio, segundo Koch), experiência que não podemos ter, nem falar sobre, nem duvidar, ter-se-á colocado, simultaneamente como guru. Poder-se-ia ler a obra de Laing como uma proposta de passagem do psiquiatra-padre secular para o psiquiatra-xamã que vive a experiência com o paciente. Koch denuncia igualmente a dicotomização em que Laing incorre ao falar da divisão entre nós e eles, no sentido em que nós achamos que eles dividem entre nós e eles. Quanto mais acérrima a sua crítica ao moralismo, mais moralista é: “Em nome do amor à humanidade, apresenta uma visão totalmente paranóica da vida.” ... “Pre-

cisamente por isto, o livro colocou Laing como um dos mais famosos moralistas do seu tempo” (Koch, 1973).

Para outros, Laing é tido como “a” pessoa que revelou a política da experiência, permitindo-nos repensar a nossa existência alienada de nós, fragmentada e por conseguinte, re-tornarmo-nos seres inteiros, libertos (Levine, 1975).

Parece mais consentânea a opinião que um dos maiores legados de Laing foi o grau imenso e inquantificável de humanidade que ele tentou trazer para a psiquiatria (Barnes, 1972; Bortle, 2001; Burston, 2001; Deurzen-Smith, 1997; Groth, 2001; Jenner, 2001; Koch, 1973; Palomo-Lamarca, 2000; Roberts & Sedwick, 1972).

4. CONCLUSÃO

Que sentido faz o pensamento de Laing em Psicopatologia, hoje? O projecto fundamental de Laing consistiu em tornar compreensível o processo de enlouquecer e a loucura, através do estudo da experiência esquizofrénica a partir da perspectiva fenomenológica e existencial. Foi assim que um comportamento aparentemente incompreensível passou a ter significado existencial: a psicose como estratégia protectora contra a insegurança ontológica e tentativa de suportar uma situação existencial insustentável, gerada no contexto familiar.

Talvez possamos retirar muito mais de Laing do que as suas ideias ou uma concepção teórica completa da saúde e da psicopatologia. Talvez Laing tenha sentido como missão maior dar conta de uma forma de ver: a sua fenomenologia social. Mais do que uma visão acabada do mundo, Laing, de livro para livro, abriu uma nova perspectiva sobre o mundo. Ao ler e reler Laing, a experiência central é a de abertura de campos de reflexão, uma abertura a sermos surpreendidos.

Laing não se preocupou com uma metafísica. O sentido da sua obra não foi o de estabelecer uma grande organização do ser ou do seu-mundo. Numa longa entrevista realizada por Bob Mullan (1995 cit. in Bortle, 2001) nos seus últimos dois anos de vida, Laing terá criticado quem, ao tentar fazer fenomenologia e ao falar sobre este método, utiliza um tal “*jargão heideggeriano, afundando a visibilidade da outra pessoa através daquela aura de existenciais e pensando que assim é que se*

faz”, que acaba por esconder mais do que trazer à luz o que está velado.

Claro que Laing foi também um crítico social, e não nos parece que alguma vez se tenha inibido de veicular as suas opiniões, que foram formuladas de forma acutilante e directa. Poder-se-ia dizer então que Laing não conseguiu estabelecer bem a regra de *epoché*. Não o fazemos. A fenomenologia social de Laing é método de questionamento do mundo. Utilizou-o de forma a deixar-se guiar pelo fenómeno, sem cair na tentação de ter de o prender, de organizá-lo numa única teoria. Mas reflectiu sobre o que via, depois de ver. Podemos por conseguinte falar, por um lado, da sua fenomenologia social e, por outro, da sua perspectiva existencialista.

Parece-nos que a perda de relevância dada às ideias de Laing poderá também dever-se à sua radicalidade e exigência ética. Laing incomoda e de alguma forma desperta. É difícil ficar-lhe indiferente quando o lemos. Em simultâneo é fácil ser-lhe indiferente se o etiquetarmos como “psiquiatra louco do *flower power*” e deixarmos de citar as suas obras. Afinal de contas quem é que quer conotar-se com bizarras? Ironicamente, parece que aconteceu a Laing o mesmo que ele descreveu tantas vezes nos seus estudos de fenomenologia social: os pacientes seriam os que dizem o que mais ninguém quer ouvir, os que incomodam, os que saem do processo de mistificação e hipnose social (Laing, 1971, 1972).

Burston (2001) justificou o declínio da apreciação do trabalho de Laing por duas ordens de razões. A primeira, a forma algo controversa e caótica como Laing geriu a sua imagem e a sua carreira. A segunda, o facto de nos anos 1970 se ter começado a tornar mais evidente uma correlação entre factores neurobiológicos e a esquizofrenia.

Sabemos hoje que a cooperação dos pacientes com os seus tratamentos psicofarmacológicos é da ordem dos 20% (Burston, 2001). Sabemos também que os indivíduos diagnosticados como esquizofrénicos tendem a sentir-se invalidados por todo o circuito psiquiátrico que os rodeia e desejam ser escutados e tratados como sujeitos que são. Como tal, parece-nos que a perspectiva fenomenológico-existencial de Laing, em particular a sua proposta de *dar voz aos pacientes* continua, mais do que nunca, a fazer todo o sentido e a ser tão necessária como foi antes, ao *questionar directamente os conceitos de normal e patológico* e ao procurar *compre-*

ender o sentido da loucura no contexto social (familiar) em que se produz e é produzida. Em particular quando nos confrontamos com a hegemonia neurobiológica da psiquiatria pós-moderna.

A obra de Laing influenciou de forma significativa os movimentos actuais de saúde mental alternativa, que acentuam a participação activa dos indivíduos e das comunidades na organização e nas modalidades de prestação dos cuidados de saúde. Mas também influenciou autores fundamentais como Rowe (1994), Karp (1996) e Chadwick (1997). Entre outros aspectos, este último salientou o conceito de *crédito esquizofrénico*, relacionado com a possibilidade da psicose poder constituir uma oportunidade para a pessoa se questionar a si-mesmo e questionar as expectativas sociais e valores culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barnes, M. (1972). Reflection. In R. Boyers & R. Orrill (Eds.), *Laing and Anti-Psychiatry* (pp. 220-223). Harmondsworth: Penguin Education.
- Berke, J. H. (2001). Trick or Treat: The divided Self of R. D. Laing. *Janus Head*, 4 (1), <http://www.janushead.org/4-1/berke.com>. Retrieved 17.12.2005.
- Bortle, S. (2001). R. D. Laing as Negative Thinker. *Janus Head*, 4 (1), <http://www.janushead.org/4-1/bortle.com>. Retrieved 17.12.2005.
- Burston, D. (1995). Laing's Existentialism. In S. D. Plock (Ed.), *Further Existential Challenges to Psychotherapeutic Theory and Practice, Papers from Existential Analysis* (pp. 1-16). London: The Society for Existential Analysis.
- Burston, D. (2000). *An Enigmatic Man. In The Crucible of Experience: R. D. Laing and the Crisis of Psychotherapy* (pp. 1-10). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Burston, D. (2001). R. D. Laing and The politics of diagnosis [Electronic Version]. *Janus Head*, 4. Retrieved 29-11-2005 from <http://www.janushead.org/4-1/burstonpol.cfm>.
- Burston, D. (2004). Szasz, Laing and Existential Psychotherapy. *Existential Analysis*, 15 (2), 218-229.
- Chadwick, P. (1997). Schizophrenia: The Positive Perspective. In *Search of Dignity for Schizophrenic People* (pp. 2-16). London: Routledge.
- Cooper, M. (2003). R. D. Laing: Meeting without Masks. In M. Cooper (Ed.), *Existential Therapies* (pp. 91-106). London: Sage Publications.
- Deurzen-Smith, E. V. (1997). *Everyday Misteries* (1.ª ed.). London: Routledge.
- Dore, P. (2005). *Politics and Other Works*. Retrieved 25-11-2005, 2005, from <http://laingsociety.org/biblio/books.htm>
- Groth, M. (2001). Laing's Presence. *Janus Head*, 4 (1), <http://www.janushead.org/4-1/groth.com>. Retrieved 17.12.2005.
- Jenner, F. A. (2001). On the Legacy of Ronald Laing [Electronic Version]. *Janus Head*, 4. Retrieved 29-11-2005 from <http://www.janushead.org/4-1/jenner.cfm>.
- Karp, D. (1996). *Speaking of Sadness: Depression, Disconnection and the Meanings of Illness* (pp. 190-194). New York: Oxford University Press.
- Koch, S. (1973). *Worrying About Ronald Laing*. New York: World. 16.Jan.1973.
- Laing, R. D. (1964). Transcendental Experience in Relation to Religion and Psychosis. *The Psychadelic Review*, 1 (3), 7-11.
- Laing, R. D. (1971). *A Política da Família e outros Ensaios* (J. G. Esteves, trad., 1.ª ed.). Lisboa: Portugália Editora.
- Laing, R. D. (1972). *A Psiquiatria em Questão* (L. Cary, trad. 1.ª ed.). Lisboa: Editorial Presença.
- Laing, R. D. (1987). *The Use of Existential Phenomenology in Psychotherapy*. Paper presented at the The Evolution of Psychotherapy, Phoenix.
- Laing, R. D. (1990). *The divided self: an existential study in sanity and madness*. London/New York: Penguin Books.
- Laing, R. D., & Esterson, A. (1970). *Sanity, madness, and the family: families of schizophrenics*. London: Penguin.
- Laing, R. D., Phillipson, H., & Lee, A. R. (1966). *Interpersonal Perception*. In *Interpersonal Perception* (pp. 3-22). London: Tavistock.
- Levine, P. (1975). R. D. Laing: The Politics of the Mind. In P. Levine (Ed.), *Divisions* (pp. 1-19). Toronto: CBC Publications.
- Palomo-Lamarca, A. (2000). *Existential Knots* [Electronic Version] from <http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/Laing.pdf>.
- Parker, I., Georgaca, E., Harper, D., McLaughlin, & Stowell-Smith, M. (1995). *Deconstructing Psychopathology*. London: Sage Publications.
- Roberts, R. L. (2005). *Perspectives on International Order*. from <http://laingsociety.org/colloquia/peaceconflict/laingchomsky.htm>
- Sartre, J.-P. (1997). *O Ser e o Nada, Ensaio de Ontologia Fenomenológica* (P. Perdigão, trad., 6.ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Sedwick, P. (1972). R. D. Laing: self, symptom and society. In R. Boyers & R. Orrill (Eds.), *Laing and Anti-Psychiatry*. Harmondsworth: Penguin Education.
- Szasz, T. (2005). "Knowing what ain't so" R. D. Laing and Thomas Szasz. *Existential Analysis*, 16 (1), 113-126.

RESUMO

Pretende-se neste artigo fornecer uma perspectiva sistematizada e abrangente da obra de Ronald D. Laing (1927-1989), com acento tónico no seu contributo para a psicopatologia.

É apresentada a perspectiva de Laing sobre a psicopatologia clássica e a sua proposta para uma psicopatologia segundo um critério ontológico, de tipo fenomenológico-existencial. Expõe-se a evolução do pensamento de Laing sobre a psicose, referindo-se os conceitos de segurança e insegurança ontológica; sistema de falso Self; três tipos de ansiedade presentes na perturbação esquizofrénica; desenvolvimento “good-bad-mad”; mistificação; psicose como forma de suportar uma situação insustentável; psicose como experiência transcendental e de viagem ao mundo interior; inteligibilidade de sintomas no seio do grupo de pertença. Por fim, identificam-se críticas efectuadas à obra de Laing, e destacam-se alguns aspectos da sua actualidade.

Palavras-chave: Laing, psicopatologia, fenomenologia, existencialismo, psicose.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to present a systematic

overview on the work of Ronald D. Laing (1927-1989), specifically his contributions to psychopathology and his view on psychosis.

Laing’s critical perspectives on traditional psychopathology, and his suggestion of a different, ontological criterion for a phenomenological-existential psychopathology, are referred. This paper presents Laing’s evolving views on psychosis and several of his concepts such as: ontological insecurity; false Self system; three types of anxiety present in the ontological insecure individuals; “good-bad-mad” developments; mystification; psychosis as a way of coping with an unbearable situation; psychosis as a transcendental experience and a journey to the inner world; intelligibility of symptoms.

Finally, a critical perspective on laingian concepts and a personal discussion on Laing’s actuality and pertinence are presented.

Key words: Laing, psychopathology, phenomenology, existentialism, psychosis.